um travão ao crescimento exponencial, seria indispensável aproveitar as próximas décadas para tomar um conjunto de orientações, entre as quais se incluiria:

— estabilizar a população e a produção industrial;
— orientar o investimento para a produção de alimentos e outros bens essenciais à vida humana;
— economizar os recursos não-renováveis, nomeadamente os minerais e a água potável;
— desenvolver a reciclagem dos recursos, o contrôle da poluição e a conservação dos solos;
— aumentar a duração dos produtos industriais;
— transferir a «mística» do consumo de bens materiais para valores não materiais, tais como a educação e a saúde.

Contra este programa, há um mundo inteiro de interesses, necessidades e hábitos, que vai desde actividades gigantescas, como a indústria automóvel, a publicidade ou a aviação, até «coisas muito pequenas», tais como o passatempo de tirar fotografias ou o desporto da caça... Tudo isto, crescendo a taxas exponenciais!

Por isso, há razões sólidas para preocupação!

R. Silva Pereira

MARANDA, Pierre (organizador) — *Mythology: Selected Readings* — Penguin Books, Londres, 1972, 319 pp.

Da listagem de textos agrupada em cinco partes, cujos títulos pretendem ser respectivamente uma marca distintiva do conteúdo que se lhes segue, e porque nem sempre se encontrou tal diferença de informação, procurou-se nova forma de leitura — e consequente associação dos textos — segundo dois parâmetros fundamentais:

1 — O mito como sistema de comunicação.
2 — O mito e a realidade.

Aponta-se antes de mais uma primeira dificuldade de síntese, pela condensação de demasiados problemas, quase sempre apenas esboçados em curtas passagens — extractos de discursos cuja leitura integral seria necessária para a total compreensão das análises conceptuais e metodológicas apresentadas.

1 — O mito como sistema de comunicação.

«More strictly myths are stylistically definable discourses that express the strong components of semantic systems» p. 13.

Os mitos são a actualização cultural de sistemas semânticos constituídos por unidades mínimas, as formas básicas invariantes cuja formação vem dos «nossos antepassados», perpetuando uma informação «mais uniforme do que a própria história». Os discursos míticos variam estilísticamente com o tempo e com o espaço, reproduzindo num processo cíclico certos mitos já anteriormente construídos. Um exemplo da sua continuidade histórica é-nos apresentado por MARANDA na «Introdução» — a tecnologia moderna substitui o mito da transformação da modesta na bela Cinderela através dos dotes da varinha de condão da madrinha, pela idêntica e misteriosa metamorfose que um sabonete de beleza pode provocar numa mulher.

a) Formação do discurso linguístico e místico-função metafórica e processo cultural de associação.

A metáfora é para E. CASSIRER — in «The Power of Metaphor», pp. 23-31 — a figura fundamental das estruturas linguística e mítica. Numa primeira interrogação sobre qual a origem do efeito metafórico, discute-se a hipótese deste ser «a denotação *consciente* de uma ideia pelo nome de outra», supondo-se lògicamente que as ideias estão pré-fixadas em relação às suas correspondências verbais, isto é, que se pode caracterizar o significado pela sua marca de *presença,* fora da sua relação com o significante.

Embora não se pretenda desenvolver aqui a lógica do signo — cujo conhecimento nos parece fundamental para a análise de qualquer sistema ou meio de comunicação — sublinha-se a característica de *ausência* do significado, que não pode existir sem o significante. «Um significado sem significante é indisível, inexistente» — in *Dictionnaire Encyclopédique des Sciences Humaines,* p. 132.

BARTHES define a denotação como uma operação da metalinguagem sobre o próprio sistema conotado, procurando reconstituir o sistema real ou linguagem-objecto. Ora a

língua é uma instituição social cujo plano de comunicação é conotado, sendo a metalinguagem passível de ter a função de linguagem-objecto de uma nova metalinguagem. Todo o discurso, seja ele mítico ou linguístico, representa uma distância em relação ao sistema real, definido como a língua-natural-meta da operação metalinguística.

Não nos demoraremos mais no que poderá parecer uma digressão em relação ao problema central, que se justifica pela utilização que se fará ulteriormente, destes conceitos e retomamos a *figura de metáfora,* pois que todo o discurso é figurado e é para CASSIRER pensamento metafórico, que se reflecte pela criação de categorias linguísticas e míticas em que a parte é significante do todo, num movimento contínuo de compressão e condensação das impressões subjectivas e das representações colectivas. A interrelacionação das duas formas discursivas não constitui uma linearidedade histórica de um «antes» — linguístico ou mítico — mas uma correlação lógica, em que cada palavra sugere uma forma mítica, impulsionando esta por sua vez o desenvolvimento do discurso verbal.

Se CASSIRER foca fundamentalmente a função metafórica na criação destes dois tipos de discursos, Robert H. LOWIE — in «Association» pp. 32-38 — acentua a importância das condições culturais na formação das unidades mínimas que, correspondendo à associação diacrònicamente regular de certo objecto ou ideia à mesma expressão ou representação, adquirem valor simbólico.

b) Análise estrutural dos sistemas semânticos.

«... We are now required to decipher a message and to read between the lines where the detailing and the style are less important than the syntax and vocabulary of the thems», th. 111 — J. GUIART in «Multiple levels of Meaning in Myth» pp. 111--126.

Passamos da análise da *função* para o *sistema* semântico, decompondo-o em unidades mínimas ou sememas, que constituem o código correspondendo para GUIART ao «inconsciente estrutural». Lembramos o conceito semiótico de sememas de GREIMAS ... «significações ligadas a um certo contexto ou uma certa situação de discurso» — in *Dictionnaire Encyclopédique des Sciences Humaines,* p. 340 — unidades mais latas do que os morfemas e monemas mas menores do que os mitemas ou unidades míticas mínimas.

A actualização social do sistema de discursos míticos obedece às regras de oposição e de permutação dos mitemas, podendo variar de comunidade para comunidade, referindo-se porém estruturalmente ao mesmo mito. Williams A. LESSA — in «The Discover of the sun», pp. 71--110 — cita-nos um exemplo das variantes sociais do mito «Aquele que descobriu o Sol», reformulado em 36 contos narrados por 12 informadores do atol de Ulithi, no arquipélago das Carolíneas, cuja população é micronésia; este mito é característico não só do folclore local, mas apresenta afinidades com o folclore da Polinésia, Melanésia e Malásia.

A desactualização e a não operacionalidade da função mítica observa-se quando a significação é denotada no nível do consciente.

Knelm BURRIDGE — in «Carge», pp. 127-135 — não utilizando embora a categoria dicotómica — consciente/inconsciente — desenvolve também a ideia de que a durabilidade operacional da função mítica depende da sua verdade objectiva reconhecida no «presente histórico» pelo «consenso geral». A denotação da sua verdade histórica destruiria o valor simbólico das representações colectivas.

Sendo o discurso mítico necessàriamente conotado, a análise semiótica é um instrumento indispensável, a que GREIMAS in «Comparative Mythology», pp. 162-170, se refere brevemente sem nos dar no entanto a visibilidade da sua validade metodológica. Em linhas gerais o autor informa que a mensagem mítica constitui uma nova forma de linguagem ideológica, cuja denotação se fará pela operação da metalinguagem, p. 162: «a conotative semiotics is transformed to use Hjelmslev terminology, into a denotative semiology».

As unidades mínimas ou mitemas — resultado do processo de decomposição dos eixos semânticos — relacionam-se entre si e com outras unidades de significação, ordenando-se em cadeias sintagmáticas — actualização histórica dos mitos — e em eixos paradigmáticos. Transcrevemos um exemplo deste tipo de relações *binárias:*

$$\left[\frac{\sim}{-}\right] \text{ correlação } \frac{A}{\text{não } A} \sim \frac{B}{\text{não } B}$$

$$\frac{\text{/excess/}}{\text{/moderation/}} \sim \frac{\text{/better world/}}{\text{/worse world/}}$$

Os mitemas constituem «as formas básicas» estruturalmente invariantes a que V. PROPP — in «Transformations in Fairy Tales», pp. 139-150 — se refere ao analisar as múltiplas operações de transformação aparente das personagens e acções estruturalmente invariantes. Varia a superfície — idade, sexo, ocupação — mas a estrutura é estável. Recorrendo a um paradigma linguístico, poderíamos dizer com CHOMSKY que varia a «surface structure» enquanto que a «deeps structure» se mantém constante.

Exemplificamos uma operação de *redução* da forma básica habitacional, que apresenta no entanto variantes de restrição de narrativa para narrativa.

a) cabana na floresta
b) floresta
c) cabana

A operação oposta será a *amplificação,* seguindo-se a enumeração extensa de outras operações *previstas* no conjunto das regras de variação do sistema semântico definido como extremamente *estável.*

Uma vez reduzido a mitemas, o discurso mítico é ainda passível de ser «normalizado» em linguagem de computador — ver artigo «Qualitative and Quantitative Analysis of Myths by computer», pp. 151-161, de Pierre MARANDA.

2 — O mito e a realidade — análise estrutural

Utilizando os métodos semióticos, e a análise qualitativa, e quantitativa acima referidos, os textos de Levy STRAUSS — «The Raw and the Cooked», pp. 251-296 — e de Dimitry SEGAL — in «The Connexion between the semantics and the Formal structure of a Text», pp. 215-218 — debruçam-se sobre a variação de narrações ou da mesma narração mítica de comunidades primitivas diferentes.

Levy STRAUSS analisa a relação das narrativas onde entram os elementos chuva, vento, fogo, ordenando-os em segmentos paralelos cujo valor simbólico é idêntico, referindo-se todos ao mito da origem do fogo.

SEGAL, utilizando o mesmo método, denota três variações da mesma narrativa mítica — mito L, mito B e mito V — dos Índios Tsmshiam do noroeste do Canadá. Decompondo-os em unidades mínimas de relação binária, codifica-as A B C D E... e $\overline{A}\,\overline{B}\,\overline{C}\,\overline{D}\,\overline{E}$... Transcreve então em código os sintagmas dos três mitos, e compara as variações introduzidas pela utilização social diferenciada.

A leitura orientada do conteúdo dos textos suscitou algumas observações finais sobre a metodologia adoptada e a teoria do social nela implícita. Para Levy STRAUSS o método estrutural, partindo da análise das relações sociais, constrói modelos que permitem tornar visível «a própria estrutura social»; as relações sociais são pensáveis apenas através dos parâmetros espaço e tempo», o espaço e o tempo são os dois sistemas de referência que permitem pensar as relações sociais» — in «Anthropologie Structurale», p. 317. Uma das funções do mito apontada ainda nesta obra é a de proporcionar um modelo lógico que significa estrutura social, «em função dum sistema de referência temporal dum novo tipo» — («Anthropologie» p. 234).

A análise das relações sociais e a significação do real pela função mítica não é possível se nos restringirmos à análise semântica e quantitativa dos textos míticos não analisando simultâneamente as condições sociais de produção dos discursos.

A estrutura social não é apenas inteligível pela análise da função comunicativa de uma dada formação social, terá também de ser analisada na estrutura ou instância económica, política, ideológica, cuja articulação determina a especificidade de cada espaço social.

Na região ou instância ideológica localizaremos a produção de sistemas e meios de comunicação, de que o discurso mítico é um elemento. Nestes termos o mito está inserido num universo de comunicação mais lato do que ele próprio, constituído pelos vários sistemas ideológicos, cujas condições de produção e de utilização social estão inseridos no movimento social glo-

bal definido pelas relações sociais existentes no espaço social estruturado.

Manuela Menezes

MAPES, Roy — *Mathematics and Sociology* — B. T. Batsford, Londres, 1971, 77 pp.

Um prefácio e cinco partes, abrangendo setenta páginas úteis, integram este livro que pretende cumprir o objectivo de inventariação de alguns ramos da matemática, com provas dadas na análise sociológica.

Que matemática?

Algumas noções elementares sobre teoria dos conjuntos recobrem a secção inaugural do volume, constituindo a álgebra das matrizes o segundo momento do trajecto que, apressadamente, Roy MAPES pretende seguir. Alguns dos conceitos que aqui surgem são reutilizados subsequentemente, quando se expõem as teorias das cadeias de Markov e dos grafos. Nas páginas terminais, fornecem-se os elementos que, não só se consideram prioritários para uma compreensão do cálculo diferencial e integral, como se presumem inspiradores do que Roy MAPES designa por sociologia dinâmica, insusceptível já de formalização com recurso à álgebra matricial.

Certas ausências se anunciam e são assumidas no prefácio: topologia, teoria das probabilidades, estatística indutiva. Razão: «Since the aim has been to produce a text which is truly introductory, some mathematical areas of promise for sociology have been omitted».

Que sociologia?

As referências aos sectores da sociologia onde os conceitos matemáticos explanados podem, com proveito, utilizar-se são fugazes e quase nunca convincentes. Assim, por forma tão só indicativa, a sociologia das organizações é equivocamente contrapontuada com as teorias dos conjuntos e dos grafos, a sociometria com matrizes e cadeias de Markov, a sociologia dinâmica com cálculo infinitesimal.

Fica por provar o que mais importava num texto declaradamente introdutório ao tema que o seu título regista: a capacidade de reinvenção que, também na investigação sociológica, uma teoria pode conferir a um conjunto, por si só inexpressivo, de técnicas. Se uma investigação concreta exige que a estas técnicas se recorra, não bastará contudo justapô-las a fragmentos espúrios de um corpo teórico cujos contornos apenas se vislumbram, para que, do processo de produção que essa investigação constitui, resultem efectivamente produtos de conhecimento.

E, porque a conjunção copulativa que o livro acolhe no seu título o responsabiliza, sentir-nos-íamos autorizados a considerá-lo inconsequente, caso alguma vez um livro o tivesse sido.

José Madureira Pinto

NAVILLE, Pierre — *Bureaucratie et révolution (Le Nouveau Léviathan, 5)* — Paris, Editions Anthropos, 1972, 390 pp.

O relevo adquirido pela burocracia, enquanto forma de organização, nas sociedades industrializadas, preocupa, há muito tempo, grande parte dos que se dedicam às ciências sociais ou delas esperam uma resposta adequada aos fenómenos de «disfunção» que necessàriamente a acompanham.

Pierre NAVILLE, com a publicação do livro *Bureaucratie et révolution,* que constitui o 5.º volume da sua notável obra *Le Nouveau Léviathan,* insere-se, portanto, num espaço de preocupações que, não sendo novas, não deixam de ser profundamente actuais. Seguindo, aliás, na direcção apontada por MARX, para quem a crítica da burocracia não é senão a crítica do Estado e das relações impostas por ele, NAVILLE faz uma análise profunda do socialismo de Estado vigente na U.R.S.S, examinando pormenorizadamente as conexões existentes entre as instituições políticas e as estruturas socio-económicas, e concluindo que se trata duma nova burocracia de Estado e, por conseguinte, duma nova forma de exploração dos trabalhadores, em benefício duma nova camada social que, por intermédio do Estado, mantém e aumenta os seus privilégios. Ao mesmo tempo, tenta detectar «as condições gerais nas quais o socialismo burocrático de Estado se torna e já é arena de movimentos e de tendências revolucionárias características».